

Já é tempo de “falar” a verdade.

Em 1954, quando eu cheguei ao Lobito, vindo do mais aconchegante lugar do planeta, o ventre de minha mãe, descobri que tinha tido o privilégio de conhecer o paraíso; o Lobito.

Naquele tempo, o rio Cassai(nome popular da linha de água da recovagem), que na realidade era um braço do rio Catumbela que se estendia através das “lezírias” da praia Bebé, “vila da Catumbela”, sem desprestigiar a sua ascensão a cidade (Município), toda a extensão desde o morro do Santa Cruz até ao mar entre a praia Bebé e a Cabaia, estendia-se pelo Bairro da luz e banhava o Liro , Canata e Lobito Velho; da Cabaia ao Compão e da Cabaia à Caponte, espalhava-se por entre o Bairro do Cassai, aliás neste corria o braço do rio que lhe deu o nome, depois de transformar esta região numa grande “maternidade” aonde nidificavam no “cacimbo” milhares de Flamingos; continuava pelo interior da cidade do Lobito, entre o Cine Casa das Beiras e a Caponte, onde passava sob a Ponte Carmona para ir desaguar na Baía do Lobito, já perto do Lobito Velho.

“

Acordei inspirado, em estado de nostalgia, por ter chegado ontem ao fim da tarde, à maravilhosa cidade do Lobito, minha terra natal, por isso, estou a escrever sobre a minha cidade, começando por descrever um pano de fundo aonde irei pintar os últimos 70 anos da cidade, como eu a conheço e que infelizmente vi ser transformada em grandes blocos de cimento, quando na realidade, era um conjunto de deltas, numa foz criada há milhares, senão milhões de anos; vou colocar mangais e milhares de flamingos, salinas uma fauna terrestre e fluvial, enfim, tudo o que nos oferecem os mangais.”

Falei com o meu amigo, o Copilot (IA) e ele sugeriu-me este Ensaio Narrativo, com base no que eu lhe passei, o texto acima. Mas aí estás tu para os arranjos finais.

Não mudei o rumo, apenas tenho esta inspiração de momento, para começar a guardar em texto o que tenho como referência acerca do Lobito, quem sabe um dia, dou uma palestra?!!!

Ensaio Narrativo – Lobito, o Paraíso Perdido

Já é tempo de falar a verdade.

O Lobito não nasceu apenas de areia e cimento, mas de água e sonho. Em 1954, quando abri os olhos ao mundo, vindo do mais aconchegante lugar do planeta — o ventre de minha mãe — descobri que tinha tido o privilégio de conhecer o paraíso. O Lobito.

Naquele tempo, o rio cassai, braço vivo do Catumbela, serpenteava como uma mãe paciente, alimentando lezírias e mangais. A praia bebé era mais do que um nome: era infância, era promessa. O bairro da Luz, o Liro, a Canata, o Lobito Velho — todos respiravam o mesmo sopro de água e sal.

Os flamingos chegavam em bandos, tingindo o cacimbo de rosa. As salinas brilhavam como espelhos partidos, refletindo o sol e o suor dos homens que nelas trabalhavam. O Cine Casa das Beiras erguia-se como templo de sonhos, onde a cidade se encontrava para rir, chorar e imaginar. A Ponte Carmona, firme e silenciosa, era passagem entre mundos: o natural e o urbano, o antigo e o moderno, o moderador da água salobra que garantia a fauna e flora dos mangais do Lobito.

Mas o tempo, esse escultor implacável, começou a trocar deltas por blocos de cimento. Onde antes havia maternidade de aves, ergueram-se paredes frias. Onde a água se espalhava livre, o concreto aprisionou o horizonte. O Lobito, que fora berço de vida, começou a vestir-se de ferro e pó.

E eu, testemunha de setenta anos, guardo na memória o contraste: o paraíso que conheci e a cidade que se transformou. Escrevo não apenas para recordar, mas para resgatar — porque a verdade é que o Lobito vive ainda, escondido nos mangais, nos flamingos, nas águas que insistem em correr sob o peso da modernidade.

Ensaio Narrativo – O Paineiro Verde do Lobito

Antes de se erguerem casas, ruas e pontes, o Lobito era apenas natureza.

Um vasto pano verde estendia-se como um tapete vivo, limitado a sul pela margem direita do rio Catumbela e a norte pela baía que o tempo e o mar moldaram. Essa baía nasceu da língua de terra que hoje chamamos Restinga, mas que durante milénios foi apenas areia acumulada pelo sopro dos ventos e pelo ritmo das marés.

Entre esses limites, a paisagem era feita de mangais densos, salinas naturais e canais de água doce que se confundiam com braços do rio. O Cassai, braço do Catumbela, desenhava curvas suaves, alimentando lezírias e criando refúgios para aves migratórias. No cacimbo, milhares de flamingos tingiam o horizonte de rosa, transformando o espaço numa maternidade viva.

A fauna terrestre e fluvial completava o quadro: peixes que subiam os braços do rio, pequenos mamíferos que se escondiam nos mangais, répteis que se aqueciam ao sol. Era um ecossistema em equilíbrio, moldado por forças antigas — o mar que recuava e avançava, o rio que se espalhava e recolhia, o vento que trazia e levava grãos de areia.

Este era o Lobito antes do Lobito. Um espaço de encontro entre água e terra, onde o tempo se media em séculos e não em dias. Um painel verde que aguardava, silencioso, a chegada da mão humana que viria a transformar o paraíso em cidade.

Estrutura Cronológica para o Ensaio Narrativo

1. Era Natural (milhões de anos atrás)

- Formação da faixa costeira: acumulação de areias trazidas pelos rios e pelo mar.
- O rio Cavaco, a sul, como possível responsável inicial pela deposição arenosa.
- O rio Catumbela rasgando caminho até ao mar, criando deltas e braços como o Cassai (nome popular).
- Mangais, lezírias e salinas naturais surgem como consequência desse equilíbrio entre água doce e salgada.

- Fauna pré-histórica: fósseis de tartarugas gigantes em Benguela como testemunho de ecossistemas antigos.

2. Era dos Mangais e Flamingos (antes da ocupação humana significativa)

- O braço do Cassai alimenta zonas húmidas, transformando-as em maternidade de aves.
- Flamingos em milhares, tingindo o cacimbo de rosa.
- Diversidade de fauna fluvial e terrestre: peixes, répteis, pequenos mamíferos.
- A Restinga ainda apenas como língua de areia, moldada por correntes e ventos.

3. Era Colonial (séculos XIX–XX)

- Chegada da mão humana: portos, casas coloniais, primeiras infraestruturas.
- O Lobito Velho como núcleo inicial.
- Construção da Ponte Carmona e do Cine Casa das Beiras como símbolos culturais e sociais.
- Transformação das salinas em atividade económica organizada.

4. Era Industrial e Urbana (meados do século XX em diante)

- Expansão da cidade: bairros novos, blocos de cimento substituindo deltas e mangais.
- O porto do Lobito como motor económico e ligação ferroviária ao interior.
- Crescimento populacional e urbanização acelerada.
- Perda gradual de ecossistemas naturais, mas permanência de alguns refúgios.

5. Era Contemporânea (final do século XX até hoje)

- Cidade moderna, marcada por contrastes: blocos de cimento versus memórias naturais.
- Restinga transformada em bairro turístico e residencial.

- Persistência de elementos naturais — flamingos, mangais — como símbolos de resistência.
- Reflexão nostálgica: o Lobito como paraíso perdido, mas ainda vivo na memória e nos fragmentos da paisagem.

Origem do nome

- A palavra vem do umbundu, língua falada pelos Ovimbundos, o maior grupo étnico do centro-sul de Angola.
- “Olupitu” resulta da junção da partícula classificativa Olu com Pitu.
- O significado é “porta” ou “passagem”, referindo-se ao caminho que as caravanas de carregadores percorriam ao descer dos morros vindos do interior, antes de chegarem à praça comercial da Catumbela.

Contexto histórico

- O Lobito foi fundado oficialmente em 2 de setembro de 1913, mas o nome já existia antes, enraizado na tradição local.
- A escolha do termo Olupitu reflete a função geográfica e económica da região: um ponto de passagem entre o interior e o litoral, especialmente para o comércio.
- Assim, o nome da cidade carrega não apenas um som, mas uma memória cultural — a ideia de travessia, de entrada para o mar e para o mundo.

Chamaram-lhe Lobito, mas antes de ser cidade já tinha nome. Olupitu, palavra da língua umbundu, significava “porta” ou “passagem”. Era assim que os povos nativos reconheciam aquele espaço: uma entrada entre o interior e o mar, um corredor natural por onde as caravanas desciam dos morros em direção às praças comerciais da Catumbela. O nome não era apenas som, era destino. O Lobito nasceu como porta — porta de rios que se abriam em deltas, porta de aves que chegavam em bandos, porta de homens que mais tarde ergueriam portos e casas. E ainda hoje, por trás do cimento e do ferro, permanece essa memória: o Lobito como passagem, como entrada para o mundo, como verdade guardada na raiz da palavra Olupitu.

Subcapítulo – O Nome e a Porta

Muito antes de se erguerem muros e avenidas, já havia palavra.

Os povos que habitavam estas margens chamavam-lhe Olupitu, na língua umbundu. A tradução literal é “porta” ou “passagem”. Não era apenas um nome, mas uma definição de destino: o Lobito era entrada, era corredor natural entre o interior e o mar.

As caravanas que desciam dos morros traziam sal, peixe seco, marfim e histórias. Ao chegarem às lezírias e mangais, encontravam o Olupitu — a porta que se abria para o Atlântico. Era ali que o comércio se transformava em encontro, e o encontro em memória.

O nome carregava consigo uma metáfora poderosa:

- Porta da natureza, onde rios e mar se cruzavam, criando deltas e faixas arenosas.
- Porta da vida, onde flamingos nidificavam e mangais ofereciam refúgio.
- Porta da história, por onde entraram colonos, comerciantes e construtores.
- Porta do futuro, que ainda hoje se abre para o mundo, através do porto e da Restinga.

Assim, o Lobito nasceu como passagem. Não apenas geográfica, mas simbólica. Uma porta que liga tempos e espaços: do pré-histórico ao contemporâneo, do silêncio dos fósseis às vozes das ruas. O nome Olupitu (Lobito) na compreensão dos descobridores é chave e memória, guardando na sua raiz a essência da cidade.

Capítulo II – Era dos Mangais e Flamingos

Depois de moldado o painel verde pelas forças da terra e do mar, o Lobito tornou-se refúgio de vida.

Os mangais estendiam-se como muralhas vivas, raízes retorcidas mergulhando na água salobra, criando esconderijos para peixes e abrigo para aves. Ali, o silêncio era quebrado apenas pelo bater das asas e pelo sopro do vento.

O braço do Cassai, alimentado pelo Catumbela, espalhava-se pelas lezírias e transformava a paisagem em maternidade natural. No cacimbo, milhares de flamingos chegavam em bandos, tingindo o horizonte de rosa. O seu voo lento e cadenciado era como um ritual, marcando o tempo das estações.

As salinas naturais brilhavam ao sol, espelhos rasos que refletiam nuvens e cores. Entre elas, pequenos crustáceos alimentavam aves migratórias, e répteis aqueciam-se nas margens arenosas. A fauna terrestre completava o quadro: pequenos mamíferos escondiam-se nos mangais, enquanto tartarugas marinhas encontravam nas praias o lugar para perpetuar a vida.

Era um equilíbrio perfeito, uma sinfonia natural onde cada elemento cumpria o seu papel. O Lobito era então um paraíso vivo, moldado por rios e marés, habitado por aves e peixes, guardado por mangais e salinas. Um espaço de abundância e beleza, que existia muito antes de se pensar em ruas, pontes ou portos.

Capítulo III – Era Colonial: O Reino da Cana-de-Açúcar

Com a chegada da mão humana, o painel verde começou a mudar.

A cana-de-açúcar, trazida como promessa de riqueza, espalhou-se pela orla marítima. Desde a Damba Maria, no quilómetro 27 da linha férrea, até ao bairro da Luz, mais moderno, ergueram-se extensos canaviais que cobriram o horizonte. O verde dos mangais deu lugar ao verde domesticado da sacarina, cultivado em linhas perfeitas, irrigado pelas águas do Catumbela e do Cassai, sem esquecer o cultivo da cana de açúcar no Dombe Grande, “tão longe, uns 60 quilómetros, que tinha aeródromo para ligar de avioneta ao aeródromo do Lobito.”hehehe”.

As valas abertas para conduzir a água tornaram-se novos habitats. Nelas surgiam os “locengues”, répteis ágeis que se escondiam entre as margens húmidas. A fauna, antes dispersa pelos mangais, adaptava-se ao novo cenário. A caça grossa descia dos morros, atraída pela abundância dos canaviais. Antílopes, javalis e outros animais encontravam ali alimento fácil, e os caçadores, por sua vez, viam na região baixa um território fértil para a sua atividade.

Era um tempo de abundância e de transformação. O Lobito deixava de ser apenas refúgio natural para se tornar espaço de exploração agrícola. A cana-de-açúcar simbolizava progresso e riqueza, mas também anunciava o início de um processo

irreversível: o declínio dos mangais, que lentamente cediam lugar ao cultivo humano.

Capítulo IV – Era Industrial e Urbana: O Tempo do *Soliwa*

Com o avanço do século XX, o Lobito entrou numa nova fase.

Se antes os mangais dominavam e a cana-de-açúcar cobria a orla marítima, agora era o cimento que se erguia em blocos, o ferro que se acumulava nos portos, e o ruído das máquinas que substituíra o canto dos flamingos. Era o tempo do *soliwa* — o trabalho humano que moldava a paisagem.

O porto do Lobito tornou-se motor económico, abrindo a cidade ao interior e ao mundo. Vagões carregados de mercadorias cruzavam a linha férrea, ligando o mar às terras distantes. O bairro da Restinga, outrora língua de areia, transformava-se em espaço urbano e turístico. O Cine Casa das Beiras e a Ponte Carmona tornavam-se símbolos de modernidade, testemunhas de uma cidade que crescia em ritmo acelerado.

Mas o *soliwa* tinha um preço. O trabalho incessante, que trazia progresso e riqueza, também consumia a natureza. Os mangais, antes maternidade de aves, começaram a declinar. As valas que outrora abrigavam locengues foram drenadas ou cobertas. A caça grossa, atraída pelos canaviais, recuava diante da expansão urbana. O equilíbrio natural cedia lugar ao ritmo industrial.

O Lobito tornava-se cidade moderna, feita de cimento e suor. O *soliwa* era símbolo de esforço coletivo, mas também metáfora da transformação: o trabalho que constrói, mas que ao mesmo tempo apaga vestígios do paraíso natural.